

CULTURA E AFETIVIDADE NA ALFABETIZAÇÃO: INVESTIGANDO SUA INFLUÊNCIA NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Isabela Pissinatti¹
Andréia Osti²

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade discutir sobre a influência que a afetividade docente representa no processo de alfabetização dos alunos. É destacada a importância do componente afetivo no ambiente educacional, enfatizando seu impacto na aprendizagem e na formação da identidade. Argumenta-se que a falta de integração cultural na escola pode impedir que crianças, mesmo sem deficiências cognitivas, se tornem alfabetizadas. Propõe-se a inclusão do aspecto afetivo no currículo, especialmente durante a alfabetização, com ênfase no sentimento de pertencimento como parte do ensino. A motivação pessoal é vista como fundamental para o sucesso na alfabetização. A abordagem pedagógica tradicional é criticada por não se adaptar aos diferentes contextos culturais dos alunos, sendo necessária uma maior flexibilidade. A interligação entre alfabetização, cultura e afetividade é explorada, ressaltando a importância de repensar as práticas pedagógicas para abraçar a diversidade. O principal referencial teórico utilizado foi: Wallon (1978), Freire (2004), Ferreiro (1991), Teberosky (1999) e Cagliari (1998). A hipótese é a de que a afetividade possui influência no processo de alfabetização e letramento. A pesquisa utiliza-se do método dialético, afim de se ter um embasamento teórico para afirmar e refutar as hipóteses apresentadas durante o desenvolvimento da pesquisa. O método dialético com o objetivo de desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias. O trabalho utiliza-se da pesquisa exploratória e qualitativa, tendo sido realizada uma revisão de literatura.

Palavras-chave: Afetividade, Educação, Cognição, Interação, Professor.

INTRODUÇÃO

Atualmente, diversos estudos e reflexões teóricas têm sido produzidos com foco na importância do aspecto afetivo na educação. Alguns dos temas abordados são a afetividade no ambiente escolar, a emoção em sala de aula e a afetividade na interação entre professor e aluno.

O percurso mais explorado por essas pesquisas é o de buscar compreender os indivíduos em suas complexidades, através de suas dimensões cognitivas, mas também afetivas. E, nesse aspecto, muitos autores estão trazendo abordagens que defendem a correlação entre ambas, como Osti e Tassoni (2019), Cunha (2008), Mahoney (1993) e Moy (2009). Evidenciar as contribuições da afetividade para o ensino escolar tendo como

¹ Doutoranda em Educação na UNESP Rio Claro – SP isabela.pissinatti@unesp.br;

² Professor orientador: Profa. Dra. Andréia Osti, UNESP Rio Claro - SP, andreia.osti@unesp.br

base aprofundamentos teóricos faz-se extremamente necessário, e é um dos pontos a ser trabalhado em nossa pesquisa.

Entendemos que a afetividade envolve os sentimentos, as emoções e as paixões e demonstra a capacidade de experienciar sentimentos e emoções. Segundo Moy (2009), é a afetividade que determina o comportamento geral do indivíduo frente a qualquer experiência vivencial, propicia os impulsos motivadores e inibidores, interpreta os fatos de modo agradável ou desagradável, promove uma disposição individual ou entusiasmada e estabelece sentimentos que variam entre a depressão e a euforia. De maneira direta ou indireta, a afetividade atua fortemente sobre o pensamento e a conduta das pessoas, refletindo seu estado psíquico. Sendo assim, pode-se afirmar que a ausência de afetividade, que vem sendo denominada como carência afetiva, desencadeia inúmeros distúrbios, que afetam tanto o campo físico como psíquico.

De acordo com os estudos de Watson, Clark e Tellegen (1988), a variedade de sentimentos que permeiam a afetividade é resultado das divergências individuais de cada pessoa ao experimentar afeto positivo (AP) ou negativo (AN). Os autores definem o AP como uma dimensão em que níveis elevados são caracterizados por “alta energia, concentração completa e dedicação agradável, enquanto o afeto positivo baixo é caracterizado por tristeza e letargia” (Watson, Clark e Tellegen, 1988). Já o AN está relacionado a um estado emocional descrito em altos níveis como "uma variedade de humores, incluindo raiva, culpa, medo e nervosismo, enquanto o baixo afeto negativo é um estado de calma" e serenidade' (Watson et al, 1988).

A afetividade, na perspectiva de Wallon (1975), é mais do que uma das dimensões de um indivíduo, é a sua fase de desenvolvimento mais arcaica, já que o ser humano, assim que deixou de viver de forma estritamente orgânica, se tornou um ser afetivo. Bastos e Dér (2000) apontam que a afetividade e a inteligência não podem ser compreendidas separadamente, apenas dentro de uma relação de interdependência, já que as condições para a evolução de uma estão relacionadas com o desenvolvimento da outra. Na visão de Tassoni (2008, p. 3), “toda aprendizagem está impregnada de afetividade, e ocorre a partir das interações sociais, num processo vincular”.

A aprendizagem, a partir do que consideramos, se dá enquanto uma relação entre duas ou mais pessoas, ou entre uma pessoa e um objeto e, segundo Osti e Brenelli (2013), é nela que se assentam relações afetivas que podem reforçar os vínculos entre educadores e alunos. Nesse sentido, é imprescindível compreender a afetividade enquanto um elo inseparável e até um aspecto indissociável da inteligência (que promove o

desenvolvimento), até mesmo porque é uma forma de interesse, intrínseco ou extrínseco, sempre presente, e que dá sentido para a realização de uma ação.

A partir da perspectiva e da observação de cada pesquisador, os significados para o termo afetividade podem ser variados, ou seja, pode-se atribuir a grandes aspectos frente a múltiplos significados, como: atitudes e valores, comportamento moral e ético, desenvolvimento pessoal e social, motivação, interesse e atribuição, afabilidade, inter-relação, empatia, constituição da subjetividade, sentimentos e emoções (Cunha, 2008).

Nesta pesquisa, a afetividade será explorada no âmbito pedagógico, no estabelecimento da relação entre o professor e seus alunos em sala de aula. Sendo assim, a afetividade será compreendida como aspecto essencial dentro do processo de formação dos sujeitos.

Compreendemos que o professor é aquele que tem como dever criar um ambiente propício para a aprendizagem e, diante do que foi exposto até aqui, por isso deve considerar a importância de criar laços afetivos positivos e aprender a lidar com os negativos, para que todos os alunos consigam explorar suas capacidades em um ambiente seguro para suas emoções. Mahoney (1993) discorre sobre como a sensibilidade do professor, sua experiência, atenção genuína e motivação são indispensáveis para criar esse ambiente facilitador. “A função da emoção na ação educativa é a de abrir caminho para a aprendizagem significativa” (Mahoney, 1993, p.70).

Todo adulto, e mais especificamente o professor, deve levar em consideração as necessidades infantis a fim de garantir o fortalecimento da função afetiva, essencial para as etapas do desenvolvimento dos indivíduos. Amaral (2000), explica que, quando em posse do equilíbrio afetivo, a criança tem a possibilidade de lidar melhor com suas inquietações e questionamentos, resultantes da crise que marca o início da puberdade. O trabalho com o desenvolvimento da linguagem feito pelo professor também é uma etapa indispensável para a constituição do campo da afetividade. “Dispor de palavras para dar nome às emoções nos permite identificá-las, compreendê-las, controlá-las, compartilhá-las com os outros”. (Oliveira e Rego, 2003, p. 28).

A partir de todos os pressupostos apresentados até aqui, entendemos que é indispensável compreender os processos de aprendizagem não só como uma questão cognitiva, já que a afetividade também é parte desse processo. Essa nova forma de olhar para prática pedagógica, por parte do educador, favorece o surgimento de vínculos de afetividade entre a criança e o objeto de estudo.

Ao longo de suas atividades diárias, a criança alterna cognição e afetividade (que estão sempre em movimento) em suas diferentes aprendizagens. Wallon (1975) aponta que a escola é a instituição primordial que possibilita a criança apropriar-se dos fundamentos da cultura científica, destacando a relação entre educadores e alunos e o desenvolvimento integral da criança em suas plenas capacidades.

Consideramos então que o professor deve ter clareza e consciência de sua própria afetividade enquanto educador. Assim, o intuito dessa pesquisa é averiguar as concepções de educadores sobre a importância da afetividade para a aprendizagem.

A afetividade na relação professor-aluno acontece de forma gradual, mas de modo significativo, o que permite mudanças através de análises e reflexões sobre atuação do educador. Para isto é fundamental que o professor compreenda a criança integralmente nos seus aspectos afetivos, cognitivos e motores, ao longo de seu desenvolvimento.

O presente trabalho é uma pesquisa em andamento, seu objetivo geral envolve conhecer as concepções de professores do Ensino Fundamental Anos Finais sobre a importância da afetividade para a aprendizagem. Já os objetivos específicos são: identificar como os professores definem a afetividade, analisar se os professores reconhecem o papel da afetividade no processo de aprendizagem e comparar como os professores descrevem alunos com baixo desempenho e excelente desempenho e sua relação com os aspectos afetivos negativos e positivos.

METODOLOGIA

Esta pesquisa qualitativa busca explorar o papel do pesquisador como mediador no processo investigativo, permitindo compreensão e possíveis mudanças ao longo do desenvolvimento da investigação. A abordagem qualitativa, segundo Reichardt e Cook (1979), coloca o agente social no centro da pesquisa, tornando compreensível a produção dos eventos e permitindo a descoberta de realidades subjetivas presentes no grupo analisado. Rey (2002) descreve a epistemologia qualitativa como uma tentativa de criar conhecimento sobre a realidade complexa e diferenciada da subjetividade humana. Para Minayo (2009), a pesquisa qualitativa foca em aspectos da realidade que não podem ser quantificados, abordando o universo de significados e relações sociais. Chizzotti (1998) reforça a ideia de que a pesquisa qualitativa reconhece a interdependência entre o sujeito e o objeto, onde o observador atribui significado aos fenômenos.

Os participantes da pesquisa serão sete professores de disciplinas diversas do Ensino Fundamental Anos Finais de uma escola privada em Porto Ferreira (SP). A fase escolar dos Anos Finais foi escolhida por envolver novos desafios, como a diversidade de professores e abordagens pedagógicas. A coleta de dados ocorrerá por meio de entrevistas semiestruturadas, com questões abertas e fechadas, permitindo liberdade de expressão aos professores sobre temas como afetividade, desempenho e sentimentos dos alunos. As entrevistas serão presenciais, gravadas em áudio, e contarão com um roteiro flexível para promover novas perguntas durante a interação. A escolha das perguntas será refinada após um projeto piloto.

Além das entrevistas, um parecer descritivo será solicitado aos professores para que descrevam alunos de excelente e baixo desempenho, a fim de verificar a relação entre aspectos afetivos e o processo de aprendizagem. Durante a coleta de dados, os professores serão informados sobre o objetivo da pesquisa e terão sua participação voluntária garantida, assinando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. As entrevistas serão transcritas com o auxílio de softwares específicos, e as respostas serão analisadas por meio da Análise de Conteúdo, conforme Bardin (1977), permitindo categorizar os dados com base em recorrências ou exclusões.

Os pareceres descritivos serão examinados individualmente, visando identificar a presença de afetos positivos e negativos e sua influência na criação ou exclusão de expectativas sobre os alunos, com impacto no ensino e na aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por se tratar de um estudo em andamento, ainda não dispomos de dados conclusivos, mas já temos expectativas e hipóteses traçadas. Nossa principal hipótese é a de que possam surgir divergências entre as respostas fornecidas pelos professores nas entrevistas e as percepções dos alunos nos pareceres descritivos. Essa suposição se baseia na ideia de que existe um senso comum em relação a conceitos como afetividade, autoridade, dificuldades de aprendizagem e sucesso escolar.

Embora a escola moderna, ainda fortemente pautada em um modelo conteudista e bancário, seja tradicionalmente vista como a principal responsável pela educação e pelo desenvolvimento humano, na prática, o foco costuma ser mais direcionado ao desenvolvimento intelectual. No entanto, as interações diárias, tanto dentro quanto fora da sala de aula, geram laços emocionais que são tão ou mais significativos que o aprendizado teórico.

Apesar de reconhecerem a importância da afetividade como um tema relevante no ambiente escolar, muitos professores ainda entendem o aluno de sucesso como aquele que segue as normas estabelecidas, não gera "problemas" e alcança as metas acadêmicas. Por outro lado, o aluno com baixo desempenho tende a ser visto como aquele que apresenta dificuldades de aprendizagem e que não se envolve com o conteúdo. Em muitos casos, este aluno é responsabilizado pelo seu próprio fracasso, como se o sucesso escolar dependesse exclusivamente de sua iniciativa.

Assim, nosso objetivo é analisar as respostas dos professores participantes da pesquisa e promover uma reflexão crítica. Queremos abordar os imprevistos que ocorrem em sala de aula devido à falta de compreensão da indissociabilidade entre as dimensões afetiva, cognitiva e motora. Com isso, buscamos repensar e refletir sobre nossas posturas, a forma como enxergamos os alunos e como nos percebemos enquanto educadores, assumindo nosso papel essencial na escola com maior clareza e consciência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na trajetória teórica e investigativa apresentada, este estudo evidencia a importância da afetividade no contexto escolar, especialmente na relação entre professores e alunos. As contribuições dos autores analisados mostram que a aprendizagem não pode ser dissociada das dimensões emocionais e afetivas, uma vez que essas influenciam diretamente o comportamento, o engajamento e o desempenho dos alunos.

Ao compreender a interdependência entre afetividade e cognição, fica claro que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdos. É necessário criar um ambiente propício para o desenvolvimento integral do aluno, que leve em consideração tanto seus aspectos emocionais quanto suas necessidades cognitivas. As interações afetivas que ocorrem no dia a dia da sala de aula são fundamentais para a criação de vínculos positivos que favorecem o aprendizado e o desenvolvimento dos alunos.

Por meio desta pesquisa, buscamos ampliar a reflexão sobre o papel dos educadores na promoção de um ambiente escolar afetivo e acolhedor. Ao mesmo tempo, pretendemos incentivar uma revisão das práticas pedagógicas tradicionais, que muitas vezes negligenciam a importância das emoções no processo de ensino. O reconhecimento da afetividade como um componente crucial para a aprendizagem pode transformar as dinâmicas escolares e ajudar a reverter a responsabilização individual dos alunos pelo seu fracasso escolar.

Este trabalho contribui para o debate sobre a importância da afetividade na educação e incentiva os professores a adotarem uma postura mais sensível e atenta às necessidades emocionais de seus alunos. O estudo reforça que, para promover um desenvolvimento pleno e significativo, é indispensável que o educador reconheça e valorize a dimensão afetiva em suas práticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

AMARAL, S. A. Estágio Categorical. In: Mahoney, A. A., & Almeida, L. R. (Orgs.) **Henri Wallon – Psicologia e Educação**. Edições Loyolla, 2000

BARDIN, L. **Análise de conteúdos**. Lisboa: Edições 70, 1997.

BASTOS, A. B. B. I., & DÉR, L. C. S. Estágio do Personalismo. In: Mahoney, A. A., & Almeida, L. R. (Orgs.) **Henri Wallon – Psicologia e Educação**. Edições Loyolla, 2000.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização sem o ba, bé, bi, bó, bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

CUNHA, A. E. **Afeto e aprendizagem, relação de amorosidade e saber na prática pedagógica**. Wak, 2008.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização**, trad.bras. 2º ed. São Paulo: Cortez/Editores Associados, 1991.

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução Beatriz Cardoso. 4. ed. São Paulo: Trajetória Cultural; Campinas: Editora da UNICAMP, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: UNESP, 2004.

MAHONEY, A. A. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humana. **Temas em Psicologia**. Sociedade Brasileira de Psicologia. São Paulo, n° 3, 67-72, 1993.

MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa Social. **Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOY, N. A afetividade na relação professor-aluno. **Revista de educação do IDEAU (REI)**. 4 (8), 2009.

OLIVEIRA, R. D., & OLIVEIRA, M. D. Pesquisa Social e Ação Educativa: conhecer a realidade para poder transformá-la. In: C. R. Brandão (Org.). **Pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. C. Vygotsky e as complexas relações entre cognição e afeto. In: ARANTES, Valéria Amorin (org). **Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas**. Summus, 2003.

OSTI, A., & BRENELLI, R. P. **Sentimentos de quem fracassa na escola: análise das representações de alunos com dificuldades de aprendizagem**. Psico-USF, 18 (3), 417-426, 2013.

OSTI, A. & TASSONI, E. C. M. Afetividade percebida e sentida: representações de alunos do ensino fundamental. **Caderno de Pesquisa**. 49(174), 1-18, 2019.

REICHARDT, C. S., & COOK, T. D. Beyond qualitative versus quantitative methods. In T. D. Cook, & C. S. Reinhardt (Eds.), **Qualitative and Quantitative Methods in Evaluation Research** (pp. 7-32). Sage Publications, 1979.

REY, F. G. La investigación cualitativa en Psicología: **Rumbos y desafíos**. São Paulo: EDUC, 1999.

TASSONI, E. C. M. Afetividade e aprendizagem: a relação professor-aluno. **Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED)**, 2008.

WALLON, H. **Psicologia e educação da infância**. Estampa, 1975.

_____. **Do acto ao pensamento**. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

_____. **As Origens do pensamento na criança**. Manole, 1989.

WATSON, D., CLARK, L.A., & TELLGEN, A. Development and validation of brief measures of positive and negative affect: the PANAS scales. **Journal of Personality and Social Psychology**, 54, 1063-1070, 1988.

IMPORTANTE:

Após publicados, os arquivos de trabalhos não poderão sofrer mais

nenhuma alteração ou correção.

Após aceitos, serão permitidas apenas correções ortográficas. Os casos serão analisados individualmente.